

#cm
2
FIM DE SEMANA

Um dos filhos mais queridos do samba, Paulinho da Viola celebra seis décadas de carreira com show em busca de sambas esquecidos neste sábado (18) no palco do Qualistage. Pág. 2

O eterno chamado do samba



Marcos Oliveira/Divulgação



Paulinho da Viola durante show da atual turnê em que revista sambas esquecidos e reverencia os grandes mestres do gênero

O mais elegante dos sambistas

AFFONSO NUNES

Paulo César Batista de Faria, conhecido mundialmente como Paulinho da Viola, sobe ao palco do Qualistage neste sábado (18) para um show que marca mais um capítulo de uma carreira que se estende por seis décadas. “Quando o Samba Chama” é um convite para celebrar a permanência de uma obra que não apenas ilumina, mas convoca — como diz um de seus próprios versos — a repartir a luz.

Seu chasmado para o samba era mais do que natural. Paulinho cresceu em um ambiente profundamente musical. Filho do violonista Cesar Faria, teve desde cedo contato com grandes nomes da música brasileira. Em sua casa circulavam artistas como Pixinguinha e Jacob do Bandolim, referências fundamentais que moldaram sua formação e sua visão da música popular. Essa herança não apenas o definiu como músico, mas também como guardião de uma tradição que ele reinventa a cada apresentação.

Sua carreira, iniciada em 1965, consolidou-o como um dos maiores ícones do samba e da música popular brasileira. Ao longo de quase seis décadas, lançou 20 discos e construiu uma obra marcada pela elegância e sofisticação, sempre enraizada na tradição da cultura popular. Clássicos como “Foi um rio que passou em minha vida”, “Coração Leviano”, “Pecado Capital”, “Timoneiro” e “Dança da Solidão” não apenas conquistaram o público, mas dialogam com diferentes tradições musicais — do choro ao samba, do universo das escolas de samba à vanguarda dos anos 1960.

Na poesia de Paulinho da Viola, o mar surge como símbolo recorrente de grandeza, mistério e destino. Canções como “Mar Grande”, “Cidade Submersa”, “Timoneiro”, “Pra jogar no oceano” e “Argumento” encontram na força da água um simbolismo para questões do amor e do destino. Mas há outra metáfora menos conhecida em sua obra: a da chama. Não é o mesmo que o fogo, que arde e representa paixão e impulso. A chama é o que permanece vivo por um longo tempo,



Divulgação

o que não se extingui ainda que muitos pensem que não está mais lá. A chama é perene.

Neste novo show, Paulinho da Viola vai em busca de sambas que não toca nos palcos há algum

tempo, ao lado de grandes sucessos que não podem faltar: “Foi um rio que passou em minha vida”, “Argumento”, “Onde a dor não tem razão” e “Pecado Capital”, entre outros. O programa reafirma sua importância não apenas como intérprete, mas como compositor que dialoga com a história da música brasileira de forma singular.

Aos 83 anos, Paulinho da Viola continua em atividade, com apresentações agendadas em diferentes cidades brasileiras. Sua permanência nos palcos não é nostalgia, mas continuidade de uma obra que segue gerando significado. Como ele mesmo canta: “Mas se o tempo se acha no sol do poente / E do céu se retira um pedaço do azul / O poeta ressurge e lança no ar a semente / E reparte feliz a sua luz / Quando o samba chama”.

A relevância de sua obra transcende o sucesso popular. Falar da música popular brasileira é, inevitavelmente, abrir espaço para a trajetória e contribuição singular de Paulinho da Viola. Sua influência atravessa gerações — tanto aqueles que o acompanham há décadas quanto aqueles que a cada dia descobrem em sua obra um novo mar de poesia e música.

SERVIÇO

PAULINHO DA VIOLA - QUANDO O CHAMA SAMBA

Qualistage (Via Parque Shopping - Av. Ayrton Senna, 3000, Barra da Tijuca)
18/4, às 21h30
Ingressos a partir de R\$ 65

Apanhei-te, cavaquinho

Referência no instrumento, Henrique Cazes celebra 50 anos de trajetória musical em apresentação na Sala Cecília Meireles

AFFONSO NUNES

Henrique Cazes sobe ao palco da Sala Cecília Meireles nesta sexta-feira (17) para um concerto que marca meio século dedicado ao cavaquinho. “50 Anos de Cavaquinho” reúne o músico, Raphael dos Santos no violão de 7 cordas, e participações especiais de Rogério Caetano e Messias Brito. O programa articula composições autorais, homenagens a mestres da tradição brasileira e estudos técnicos que evidenciam as múltiplas dimensões do instrumento ao longo de sua trajetória.

Doutor e mestre em Música pela UFRJ, Cazes é professor do bacharelado em cavaquinho da instituição — curso pioneiro no país. Sua atuação atravessa diferentes frentes: solista, arranjador, produtor, escritor e pesquisador. Publicou “Choro: do quintal ao Municipal”, obra de referência



Marília Figueiredo/Divulgação

Instrumentista e professor, Henrique Cazes é um dos mais importantes cavaquinistas brasileiros

sobre o gênero, e lançou álbuns que consolidaram sua presença no cenário da música brasileira. Sua trajetória articula tradição e invenção, levando o cavaquinho a contextos diversos e ampliando seu repertório.

O recital está dividido em duas

partes. A primeira apresenta obras de sua coleção “Música Nova para Cavaquinho”, reunindo estudos e composições que exploram diferentes recursos técnicos e expressivos do instrumento. A segunda

presta homenagem a dois nomes fundamentais: Paulinho da Viola e Waldir Azevedo. Peças como “Delicado” e “Carioquinha”, de Azevedo, dialogam com criações autorais de Cazes e composições de Viola, em um programa que atravessa gerações e modos de escuta.

Entre choros, valsas e peças de concerto, o programa evidencia o cavaquinho como instrumento capaz de transitar entre a roda de choro e o palco de concerto, entre a tradição popular e a escrita elaborada. Essa multiplicidade reflete a própria trajetória de Cazes, que consolidou o cavaquinho como instrumento de concerto sem desvinculá-lo de suas raízes na música popular.

A Sala Cecília Meireles, localizada na Lapa, é uma das mais importantes salas de concerto do país. Sem corpos artísticos permanentes, mantém programação aberta com intérpretes brasileiros e convidados internacionais. Em 2026, o edifício histórico que a abriga celebra 130 anos — foi inaugurado no final do século XIX. A sala completou 30 anos em sua configuração atual em 2025, consolidando-se como um dos centros mais ativos de difusão da música de concerto no Brasil.

SERVIÇO

HENRIQUE CAZES - 50 ANOS DE CAVAQUINHO

Sala Cecília Meireles (Rua da Lapa, 47 - Lapa) | 17/4, às 19h
Ingresso: R\$ 40

Ministério da Cultura, Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria Estadual de Cultura e Economia Criativa e PETROBRAS apresentam

RU BEM

A ORDEM DO SENSÍVEL

VA LENTIM

Nova exposição no MAM Rio

a partir de 18 de abril
www.mam.rio

AAA

Rubem Valentim, Emblema relevo 85, 1985 [detalhe]

Organização



AAA Museu de Arte Moderna Rio de Janeiro

Colaboração



MUSEU AFROBRASIL EMANUEL ARAUJO CULTSP

Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas SÃO PAULO GOVERNO DO ESTADO

Parceria de mídia

Correio da Manhã

Patrocínio Oficial



Patrocínio Estratégico



Patrocínio



Realização



DO LADO DO POVO BRASILEIRO

Revendendo uma página crucial da MPB

Beto Guedes retoma 'A Página do Relâmpago Elétrico', álbum clássico de 1977, em show no Circo Voador com a neta Julia Guedes

AFFONSO NUNES

Especial para o Correio da Manhã

U dos maiores representantes da geração do Clube da Esquina, Beto Guedes chega ao Circo Voador nesta sexta (17) com "Página 43", projeto que revisita sua trajetória enquanto antecipa a celebração dos 50 anos de "A Página do Relâmpago Elétrico", álbum lançado em 1977. O show conecta passado e presente do artista mineiro.

O título remete à canção "Page 43", de David Crosby, cujas mensagens sobre tempo, escolhas e consciência coletiva dialogam diretamente com o pensamento musical de Beto. No palco, acompanhado por Adriano Campagnani no baixo, Ian Guedes na guitarra, Will Motta nos teclados e Arthur Rezende na bateria, o artista percorre todas as fases de sua carreira. O setlist reúne canções de diversos álbuns — "A Página do Relâmpago Elétrico", "Tudo em Você", "Luz e Mistério" — grandes sucessos que se tornaram parte do imaginário da MPB, além de uma composição inédita. As músicas ganham novos arranjos



Divulgação

Beto Guedes resgata repertório de um de seus álbuns mais celebrados em noite que será aberta com show de sua neta Julia Guedes

e leituras, complementadas por interpretações de compositores que dialogam com o universo poético do artista.

Um dos momentos centrais do espetáculo é a homenagem a Lô Borges (1952-2025), amigo e parceiro de vida e criação com quem

Beto compartilhou a construção do Clube da Esquina. O movimento, surgido no início dos anos 1970 ao lado de Milton Nascimento e outros artistas, representa um marco fundamental na história da música brasileira. A homenagem reafirma essa conexão histórica e pessoal

que moldou não apenas a carreira de Beto, mas a própria trajetória da MPB.

Beto Guedes integra a geração de ouro da música brasileira que emergiu entre os anos 1960 e 1970. Sua obra se caracteriza pela fusão de elementos do choro, da música

clássica brasileira e da experimentação harmônica, criando um som que influenciou gerações de músicos. "A Página do Relâmpago Elétrico" consolidou essa linguagem e permanece como referência obrigatória para quem estuda a evolução da música popular brasileira. Cinquenta anos depois, o álbum segue gerando interesse crítico e audiência, o que justifica a celebração planejada.

A noite começa com Julia Guedes, neta de Beto, que faz o lançamento de seu primeiro álbum autoral. A compositora utiliza a hereditariedade como referência estética para criar um estilo próprio, atualizando o legado do Clube da Esquina na contemporaneidade. Com direção musical de Paulo Emmery, seu repertório funde a pesquisa de timbres da vanguarda da MPB, pop, rock progressivo e jazz dos anos 70 ao regionalismo do choro, das serestas e da música latina. A apresentação representa um intercâmbio entre gerações — a continuidade de uma linhagem artística que não se resume a repetição, mas a reinvenção.

Antes e depois dos shows, DJ Doni anima a pista com música brasileira, criando um ambiente que estende a experiência musical para além dos espetáculos principais. A programação reafirma o Circo Voador como espaço de encontro entre artistas de diferentes gerações e propostas estéticas, mantendo sua função histórica de palco para a música brasileira contemporânea.

SERVIÇO

BETO GUEDES - PÁGINA 43

Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa) | 17/4, às 22h
Ingressos: R\$ 180 e R\$ 90 (meia)

O jazz espiritualizado de Jonathan Ferr

Músico volta ao Manouche com seu show 'Experiência Cura'

Com uma carreira cada vez mais celebrada na cena jazzística, Jonathan Ferr volta ao Manouche nesta sexta (17) com "Experiência Cura", show que reúne seu piano e um trio de cordas em um repertório que mescla entre composições autorais e releituras em tom espiritual.

O ano começou intenso para o músico. Além das apresentações lotadas no início de 2026, ele se apresentou pela primeira vez em Nova York (EUA) e participou do Festival Queremos! com um projeto novo. Agora traz para o palco do Manouche o que ele chama de "curamento" — um mergulho em um jazz contemporâneo livre de

rótulos, disruptivo e espiritualizado.

O setlist passeia pelos álbuns "Cura" (2021) e "Liberdade" (2023), incluindo composições como "Choro", "Esperança" e "Liberdade". Ferr também apresenta releituras em estilo spiritual jazz de canções que dialogam com diferentes tradições. "Sino da Igrejinha", peça de domínio público familiar aos cultos de matrizes africanas, ganha nova roupagem. O mesmo ocorre com "Gira Deixa A Gira Girar", que celebra Os Tintoãs e seus afro cantos, e "Hallelujah", o hino mundial do canadense Leonard Cohen.

A noite inclui ainda as novidades de "Lar", último álbum de estúdio lançado no segundo semestre

de 2025. O trabalho explora temas como memória e pertencimento, ampliando a paleta temática do pianista. No palco, Ferr estará acompanhado por Sarah Cesario no violino, Camila Pereira na viola e Lúrian Moura no cello — formação que reforça o caráter camerístico do show. (A.N.)

SERVIÇO

JONATHAN FERR - EXPERIÊNCIA CURA

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983 - subsolo da Casa Camolese)
17/4, às 21h
Ingressos: R\$ 160 e R\$ 80 (meia solidária, mediante doação de 1kg de alimento não-perecível em favor do Retiro dos Artistas)



Renan Oliveira

Jonathan Ferr

Por que tanto amamos sofrer de amor?

Flávia Santana desconstrói o romantismo tóxico da canção popular no espetáculo 'Como a MPB Acabou Com a Minha Vida Amorosa'

AFFONSO NUNES

Há canções cujos versos parecem ter sido feitos para nós mesmos e que nos fazem até sentir mal como “Mentiras”, de Adriana Calcanhotto (“Nada ficou no lugar / Eu quero quebrar essas xícaras / Eu vou enganar o diabo / Eu quero acordar sua família / Eu vou escrever no seu muro / E violentar o seu gosto / Eu quero roubar no seu jogo / Eu já arranhei os seus discos”). E é que Flávia Santana transforma em comédia no monólogo musi-

cal “Como a MPB Acabou com a Minha Vida Amorosa”, que chega ao Teatro Rival Petrobras nesta sexta (17).

O espetáculo parte da ideia de que uma geração inteira aprendeu a amar através de letras que romantizavam abandono, solidão e dor. “Sozinho” se tornou sintoma de um padrão — o de aceitar isolamento como preço do amor. “Tenha Calma” virou mantra para suportar o insuportável. A lista é grande.

Flávia mergulha em memórias amorosas para investigar como Caetano Veloso, Marisa Monte e Adriana Calcanhotto e tantos



Flávia Santana investiga o que há de tóxico em cada verso de canções ultra-românticas

compositores flertaram com o tóxico. “A música da Adriana Calcanhotto quase me fez invadir a casa de um ex-namorado de adolescência e amigos da minha faixa etária têm histórias parecidas para compartilhar sobre seus amores, perdas e traumas”, comenta Flávia.

“E nem quero dizer que a MPB é que influencia. A vida influencia a arte e arte influencia a

vida. Mas com comédia a gente aprende melhor sobre nossas derrotas. Quantas mulheres vivem em relacionamentos tóxicos ou romantizam o ciúme, o medo de perder, essa dependência emocional...”, acrescenta.

Com texto e direção de Renata Mizrahi e Priscila Vidca, além de direção musical de João Callado, a peça diseca canções como

“Beija Eu”, “Mentiras”, “Sozinho”, “Tenha Calma” e “Só Hoje”, revelando a toxicidade de cada verso.

SERVICO

COMO A MPB ACABOU COM A MINHA VIDA AMOROSA

Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33, subsolo, Cinelândia) | 17/4, às 19h30
Ingressos a partir de R\$ 60,00

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Uma Outra Banda de volta ao Manouche

Arnaldo Brandão, Dadi Carvalho e Vinícius Cantuária formam Uma Outra Banda e apresentam “Agora Vocês” neste sábado (18), às 21h, no Manouche. O espetáculo reúne os três músicos com repertório de sucessos de suas carreiras desde os anos 1970, incluindo “Lua e Estrela” e “O Tempo Não Para”. A apresentação interativa promove encontro entre artistas e plateia com histórias e bastidores.



Leo Aversa/Divulgação

Jazz e blues ocupam Miguel Pereira

O Circuito Sesc Jazz & Blues 2026 ocupa Miguel Pereira entre sábado (18) e terça (21) com programação gratuita no Calçadão do Grawatta. A agenda reúne Lo Steele e Igor Prado, Claudette King (foto) -filha de B.B. King -, Jefferson Gonçalves, além de Dudu Lima, Márcio Bahia e Leandro Scio. Encerram Lady Trucker e The Simi Brothers, Gabriel Grossi Trio e Alma Folk em espetáculo ao ar livre na serra.



Divulgação

Indiana Nomma canta as divas do jazz

Indiana Nomma e seu Jazz Trio apresentam-se nesta sexta-feira (17), às 20h, no Blue Note Rio em show dedicado ao repertório consagrado pelas divas do jazz. Com quase 30 anos de carreira, a cantora traz clássicos como “Night In Tunisia”, “Caravan” e “Love For Sale”, além de faixas do álbum “Unexpected”, parceria com o pianista Osmar Milito.



Divulgação

Sambas em novas texturas no Audio Rebel

Domenico Lancellotti e Ricardo Dias Gomes apresentam-se na Audio Rebel neste domingo (19), às 20h, dentro do Programa Funarte Ações Continuadas. O espetáculo mescla composições dos álbuns Sramba e Muito Sol em um set contínuo com improvisações ao vivo. Os artistas transitam entre samba, texturas eletrônicas e experimentação sonora contemporânea.



Divulgação

Brasilidades nas telas 'hermanas'

Das mais respeitadas maratonas cinéfilas da América Latina, o Festival de Buenos Aires recebe uma leva de produções brasileiras com direito a humor, escatologia e realidade

BAFICI
BUENOS AIRES FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINE INDEPENDIENTE

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Rivalidades futebolísticas que acirram historicamente antipatias entre argentinos e brasileiros não infectam a admiração de nuestros hermanos de América do Sul pelo cinema feito aqui - do Acre ao Rio Grande do Sul -, como comprova a maciça presença nacional - com dez títulos inéditos, mais o resgate de um clássico da década de 1950 - no BAFICI, o Festival de Buenos Aires. A 27ª edição da maratona cinéfila mais prestigiosa da Argentina abriu duas vagas para o Brasil em sua competição estrangeira principal, onde concorrem o curta "Banho Maria", de Gabriel Faccini, e o longa "Nosso Segredo", que a atriz e dramaturga Grace Passô projetou antes, na Berlinale. O filme dela, a ser exibido só na próxima terça, acompanha a dor de uma família diante de vivências variadas do racismo. Faccini, por sua vez, foca numa manhã de calor escaldante, em que uma mulher falta ao trabalho.

Sua narrativa passa neste sábado, às 18h50, no Cine Teatro Alvear. No domingo, pela manhã, é a vez de a animação verde e amarela (com a licença do uso de muitas outras cores) encantar o Cinépolis Recoleta com "Papaya", de Priscilla Kellen, também projetado no Festival de Berlim.

Banho de sinestesia, com um colorido lisérgico sintonizado com a musicalidade de Tulipa Ruiz, esta aventura com nome de fruta, a um só tempo ecológica e existencialista, segue os rastros de um carocinho de mamão que não aceita se fincar na terra para firmar raiz e estagnar. Sua edição, numa montagem melíflua de Elaine Steola, é de uma destreza ímpar.

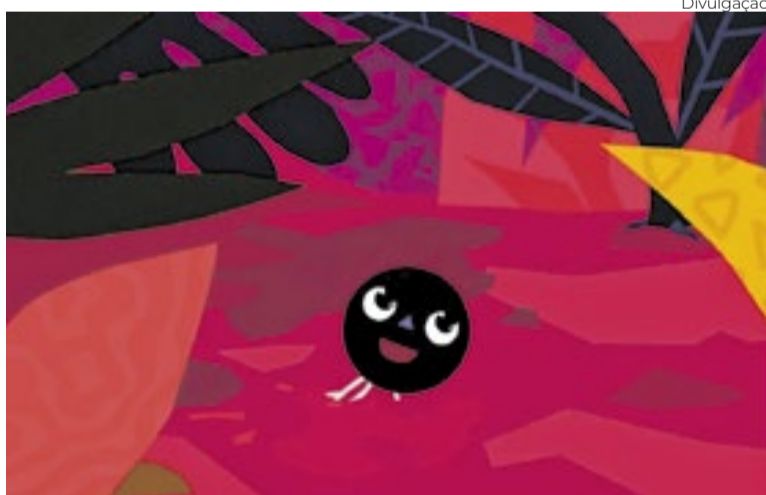
Neste sábado, às 14h10, no Cine Arte Cacodelphia 3, o bonde do cinema nacional no BAFICI.27 se amplia com a projeção do documentário "Quando o Brasil Era Moderno", de Fabiano Maciel. O diretor retoma uma discussão so-



João Guilherme protagoniza 'O Rei da Internet', de Fabrício Bittar, agendado para quarta na Argentina



A experiência da fé nas raias da política é o mote de 'A Voz de Deus'



Um carço de mamão protagoniza 'Papaya'

bre a arquitetura brasileira, em sua vertente revolucionária, ao longo do século 20, quando influenciou gerações de artistas no mundo todo. O roteiro abre um debate sobre a relação entra escolha de estilo arquitetônico e escolha de um projeto para o país, como a disputa que começou nos anos 1930, com a construção da sede do Ministério da Educação e Saúde, no Rio, e teve seu auge com a inauguração de Brasília, em 1960.

No próximo dia 21, data da sessão de "Nosso Segredo", o Brasil

toma o BAFICI para si com uma caravana, começando por "A Voz de Deus", de Miguel Antunes Ramos. Nesse documentário, duas crianças pregadoras buscam um caminho para uma vida melhor por meio da fé. Daniel Pentecoste, 17, foi o pregador infantil mais famoso do país, mas conforme cresce enfrenta a frustração de um futuro incerto. João Vitor, 12, está no auge, com um milhão de seguidores. O longa revela as infâncias escondidas sob a construção de duas figuras públi-

cas, na interseção de política com a religião. Passa 18h15, no Cine Arte Cacodelphia.

Antes, às 17h10, no Cinépolis Recoleta, tem projeção do "filme-delícia" da Berlinale 2026, com ar de "Sessão da Tarde", para se ver de mãos dadas: "Isabel". Bem escudado pelo esmero de seu produtor (Rodrigo Teixeira, de "Ainda Estou Aqui"), essa trama sobre vinhos, verdades entaladas e reinvenções dá à multiartista Marina Person - a VJ que apresentava os melhores videoclipes da Terra na MTV - a chance de se firmar como atriz, numa atuação boa à beça.

"A Isabel é mulher que, aos 50 e poucos anos, para, olhe e diz: 'Será que eu quero continuar a viver tudo do jeito que está?'. O sonho a faz ir adiante", disse Marina ao Correio da Manhã.

Tem uma SP com cara de Irajá, mais suburbana, de casinhas coloridas, nessa trama filmada pelo do diretor paulista Gabe Klinger. Nesse local, a sommelier Isabel zanza entre o chamego do DJ francês Fred (Gregory Chastang) e a amizade pétrea do futuro expert em bebidas Nico (Caio Horowitz). Ela está cansada de seu patrão, o chef Tommaso (Marat Descartes) e pensa em mudar de ares, abrindo um bar de vinhos nacionais.

Rodrigo Teixeira, em sua RT Features, produziu outra iguaria brazuca deste BAFICI, que antes fez barulho no Festival de Roterdã, na Holanda: "Privadas de Nossas Vidas", de Gustavo Vinagre e Gurius Gewdner. A sessão será 19h55, também no complexo da Recoleta Martha Nowill, em estado de graça, é uma promotora de festas que sofre com a morte de seu filho (e

com uma prisão de ventre somática) numa São Paulo assombrado por espectros fãs de dejetos. Às 23h, nesse mesmo conjunto de salas, Vinagre volta para exibir outro trabalho (rodado em duo com Vinicius Couto): "A Paixão Segundo G.H.B.", uma odisséia queer de revisão de prazeres.

Na quarta, às 18h35, no Cinépolis Plaza Houssay, a Argentina confere "O Rei da Internet", um potencial blockbuster, com direção de Fabrício Bittar. João Guilherme revive a saga de um adolescente se destacou como um dos maiores hackers do Brasil e integrou uma organização criminosa movida a milhões de reais até ser alvo de uma operação da Polícia Federal - tudo isso antes de completar 17 anos.

Um olhar estrangeiro sobre nossa nação pontua "The Brazilian Inferno", no qual Mirko Stopar, cineasta de Oslo, documenta a memória de noruegueses aqui radicados em 1923. Passa em Buenos Aires no dia 23, às 20h50, no Cacodelphia. O resgate histórico deste BAFICI é a cópia restaurada de "Vento Norte", lançado pelo gaúcho Salomão Scliar (1925-1991) em 1951. Filmado em preto e branco e rodado na cidade de Torres (RS), o longa, pioneiro em seu estado no uso de som, retrata a rotina de uma vila de pescadores impactada por uma ventania que afasta os peixes e aprofunda a fome. A vinda de um forasteiro vai ampliar o tônus trágico do local. Tem projeção dele neste 17/4, às 13h30, no Teatro San Martín, e na quinta-feira, às 18:45, no Cine Arte Cacodelphia.

O BAFICI termina no dia 26 de abril.

CRÍTICA CINEMA | VIDAS ENTRELAÇADAS

POR RODRIGO FONSECA - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Passarela da renovação



Divulgação

Maxine (Angelina Jolie) é uma cineasta que descobre ter câncer de mama e, com medo da doença, envolve-se com seu fotógrafo

É notável a entrega de Angelina Jolie ao calvário que “Vidas Entrelaçadas” (“Couture”) lhe oferece, num ensaio sobre moda em que se atomizam vaidades. A passagem tempestuosa do filme pelo Festival de San Sebastián, na briga pela Concha de Ouro de 2025, em setembro, foi um termômetro do estado de coisas que

cercam uma estrela outrora tratada como um símbolo da consagração pela em âmbito hollywoodiano.

La se vão 26 anos desde que Angelina ganhou seu primeiro e (até agora) único Oscar, de Melhor Coadjuvante em “Garota, Interrompida”, tendo concorrido uma vez mais com “A Troca”, de Clint Eastwood, em 2009. Seu currículo tem caça-níqueis (“Tomb Raider”, “Salt”) e iguarias de tom político (“O

Preço da Coragem”), com direito a bons trabalhos limitados só à sua voz, em animações (“Kung Fu Panda”). Fez exercícios de muito respeito como diretora também.

Exibido no Festival do Rio de 2012 e indicado ao Globo de Ouro, “Na Terra De Amor E Ódio” fez ela ser cineasta, num pleito antibélico. O problema: para uma estrela capaz de arrebatar a cinefilia, faz tempo... demais... que ela não emplaca um

blockbuster... ou um êxito na seara da invenção em títulos de mais ambição formal do que comercial. A incursão que fez na Marvel, em “Eternos” (2021), a fim de filmar com a prestigiosa diretora Chloé Zhao, deu água e fopou. Nas franjas das narrativas de risco, ela até brilhou em “Maria Callas” (indicado ao Leão de Ouro de 2024), na pele de diva máxima da ópera, mas não obteve troféus de respeito pelo

esforço que fez. Em meio aos contratempos pessoais da dissolução de seu casamento com Brad Pitt, num conflito midiático penoso, com saldos disruptivos para os filhos do ex-casal, a californiana de 50 anos não emplaca um fenômeno do porte de “Malévola” (que arrecadou US\$ 760 milhões), há uma década. Para piorar, seu pai, o ator Jon Voight, virou apoiador de Donald Trump.

Apesar desses quiproquós que a quizam, “Vidas Entrelaçadas”, vindo da França, oxigena sua trilha profissional. Em parceria com a grife autoral da cineasta Alice Winocour (de “Cinco Graças”), Angelina tem a maior atuação de sua carreira em duas décadas.

Construída como um painel de personagens que se tangenciam, mas seguem eixos próprios, numa dinâmica chamada de filme-coral, a narrativa de “Vidas Entrelaçadas” decorre durante a Semana da Moda de Paris. Na Cidade Luz, os caminhos de três mulheres se cruzam. Maxine (Angelina), uma cineasta americana, descobre ter câncer de mama e, com medo da doença, envolve-se com seu fotógrafo (Louis Garrel) para além dos cliques. Ana (Anyier Anei), estudante de Farmácia vinda de Nairóbi, desponta como a nova estrela das passarelas, apesar dos dilemas em seu lar. Angèle (Ella Rumpf, em inquietante interpretação), é uma maquiadora francesa, que trabalha nos bastidores dos desfiles enquanto tenta publicar um livro. Quando as suas trajetórias se encontram, a trama filmada por Alice revela a resiliência discreta que se esconde por trás dos holofotes e presta homenagem aos laços tácitos de solidariedade que estas pessoas - diferentes em profissão, cultura e origem - partilham.

CRÍTICA CINEMA | LOVE KILLS

POR RODRIGO FONSECA - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Nas presas da HQ nacional

Regada de vozes autorais de variadas gerações (da parisiense Claire Denis à catarinense Cintia Domit Bittar), a mostra “Mestras do Macabro”, no CCBB Rio (onde fica até 18 de maio), abre alas para a acolhida de “Love Kills” nos braços da cinefilia nacional. A direção é assinada pela produtora Luiza Shelling Tubaldini, de sucessos como “O Concurso” e “Motorrad”. O pavimento da dramaturgia é a gra-

phic novel homônima de Danilo Beyruth. Sua projeção será às 18h30.

Coroado com o prêmio de Melhor Som na Première Brasil, o longa passou pelo Festival de Sitges, em solo espanhol, e vai agora flana pelo Festival de Bruxelas. Sua trama, de tintas existenciais, rola num centro de São Paulo devastado pelo crack. Na maior metrópole do país, uma jovem vampira, Helena, frequenta um

estranho café na metrópole, cativando um garçom ingênuo.

À medida que ele descobre os segredos dela e o submun-

do da cidade, ele é atraído para um mundo perigoso de intrigas. Thais Lago, Gabriel Stauffer, Iuri Saraiva, Tainá Medina e Erom

Cordeiro se destacam no elenco do longa, cuja direção de arte flerta com o traço dionísico de Beyruth nas HQs.



Beta Iribarem/Divulgação

A vampira Helena (Thais Lago) busca seu lugar numa SP de trevas

SEXTOU! UM RIO DE

CONFIRA ATRAÇÕES CULTURAIS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

Melina Furlan/Divulgação

SHOW

TAMY CANTA ROBERTO

✦ Às vésperas da comemoração dos 85 anos do Rei, a cantora capixaba revisita o repertório do conterrâneo com arranjos modernos e ousados. Sáb (18), às 21h30, no Dolores Club (Rua do Lavradio, 20). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

MARIO E CHICO ADNET

✦ Os irmãos apresentam ao vivo o repertório de "Falso Antigo", álbum de inéditas lançado em março. Sex (17), às 20h. Acaso Cultural (Rua Vicente de Sousa, 16, Botafogo). Entre R\$ 75 e R\$ 160

RODRIGO BARBA

✦ O baterista do Los Hermanos revisita sucessos de "Bloco do Eu Sozinho", segundo álbum da banda, com convidados especiais. Sáb (18), às 22h. Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº). Ingressos a partir de R\$ 180 e R\$ 90 (meia)

ANDRÉA DUTRA

✦ No show "Entre Nós", a cantora e compositora percorre a linha do tempo de suas canções autorais. Dom (19), às 22h30. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

JIMMY SANTACRUZ

✦ O contrabaixista Jimmy SantaCruz convida amigos músicos para comemorar seu aniversário no palco. Sáb (18), às 21h. Beco das Garrafas (Rua Duvivier, 35 - Copacabana). R\$ 70

SAMBA DO LEO RUSSO

✦ Afilhado musical de Beth Carvalho, o cantor e compositor Leo Russo comandar a segunda edição da sua roda mensal. 18/4, às 17h. Bar Ferreirinha (Rua Galvão Pimentel, 61 - Méier). R\$ 15

ORIOKAS JAZZ

✦ A banda base liderada pela cantora Angélica de Paula passeia pelo jazz clássico e brasileiro, bossa nova e sonoridades contemporâneas. Sáb (18), às 17h. Tiquinho de Mata (Rua do Oriente, 429, Santa Teresa). R\$ 20 e R\$ 15 (antecipado)

TEATRO

DESFAZENDA - ME ENTERREM FORA DESSE LUGAR

✦ Montagem questiona o que mudou após o fim da escravidão. Até 22/4, qui a sáb (19h) e dom (18h). Sesc Tijuca (R. Conde de Bonfim, 770). R\$ 30, R\$ 15 (meia) e grátis (PCC)



Tamy



Chico e Mário Adnet

OS IRMÃOS TIMÓTHEO DA COSTA

✦ Montagem destaca a trajetória dos pintores modernistas esquecidos na Semana de 22. Até 19/4, qui, sex, sáb e seg (19h) | dom (18h). CCBB (Rua Primeiro de Março, 66). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

A.M.I.G.A.S

✦ A amizade de três jovens, sua cumplicidade e parceria cria a Associação das Mulheres Interessadas em Gargalhadas, Amor e Sexo (A.M.I.G.A.S.). Até 28/4, seg e ter (20h). Teatro Vanucci (Rua Marques São Vicente, 52, 3º piso). R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

EU SOU MINHA PRÓPRIA MULHER

✦ Edwin Luisi dá vida a Charlotte von Mahlsdorf, mulher trans alemã que sobreviveu ao nazismo. Até 26/4, qui a sáb (20h) e dom (19h). Teatro Poeira (Rua S. João Batista, 104). R\$ 140 e R\$ 70 (meia)

FERA

✦ Reflexão sobre a vulnerabilidade humana diante da natureza a partir de um episódio real vivido pela filósofa Val Plumwood. Até 22/4, ter e qua (20h). Teatro Poeirinha (Rua São João Batista, 104 — Botafogo). Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

O HOMEM DECOMPOSTO

✦ Texto do dramaturgo franco-romeno Matéi Visniec questiona a incomunicabilidade humana em tempos de isolamento. Até 29/4, ter e qua (20h). Teatro Poeira (Rua São João Batista, 104 — Botafogo). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

OS OLHOS DE NARA LEÃO

✦ Zezé Polessa dá vida à cantora e compositora, um dos nomes incontornáveis da MPB neste musical com direção de Migual Falabella. Até 26/4, sex e sáb (20h) e dom (19h). Teatro Clara Nunes (Rua Marquês de São Vicente, 52). Entre R\$ 60 e R\$ 160

MINHA AVÓ É MUITO LOUCA

✦ Um retrato o lugar dos idosos no mundo moderno. Até 30/4, qui (20h). Teatro Cândido Mendes (Rua Joana Angélica, 63 — Ipanema). R\$ 70 e R\$ 35 (meia). Promoção: Compre um ingresso, leve avó gratuitamente

PULMÕES

✦ Sucesso de crítica nacional e internacional, a tragicomédia premiada do dramaturgo inglês Duncan Macmillan, volta aos palcos cariocas. Até 25/4, aos sábados (20h30). Teatro Fashion Mall (Estrada da Gávea, 899 - loja 213). R\$ 100 e R\$ 50 (meia)



1 Peça Cansada

Cacá Bernardes

Celebrando diferenças culturais e o amor familiar, Eri Jonhson transforma a nova montagem do imã de aplausos 'Aluga-se Um Namorado' num analgésico contra o mau humor

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Quando se mete a fazer cinema, Eri Johnson põe a telona no bolso, vide o recente "Sexa", primeiro longa-metragem de Gloria Pires como diretora, na qual ele aparece rapidinho, mas gruda nas retinas da gente. "Sexo Com Amor?", que Wolf Maya dirigiu lá em 2008, tem a mesma situação: no que Eri entra em quadro, a câmera é dele... e o olhar da plateia também. Na TV, quem teve a chance de ver as sessões de análise de seu personagem, o jovem gótico Reginaldo, em "De Corpo e Alma" (1992-93), aprendeu sobre modalidades de introspecção e ainda ri de se acabar. Não haveria como ser diferente o devir teatral desse carioca de São Cristóvão, nascido num 22 de dezembro... tempo de Capricórnio.

Domingo agora, às 19h, será a última apresentação da temporada – abarrotada a cada apresentação – de "Aluga-se Um Namorado", que ele dirige e estrela. No palco, quica feito Coelho Ricochete, ao lado de uma luminosa Juliana Knust, com uma trupe inspirada (Betty Erthal, Raymundo de Souza, João Lima Junior e Marcondes Oliveira) ao lado deles, no Teatro dos 4 do Shopping da Gávea.

Rolam sessões ainda nesta sexta e neste sábado – só que às 20h. Como acontece nos outros media nos quais ele milita desde o fim dos anos 1970, no que a cortina sobe, a ribalta é de Eri.

"Eu sempre fiz comédia de uma maneira muito respeitosa, porque eu sempre acreditei que fazer rir é um negócio muito sério. Nos dias de hoje, as pessoas acham que têm dificuldade de fazer comédia porque 'não pode isso, não pode aquilo'. Mas, na minha humilde opinião, tudo que for feito com muito respeito, pode", diz Eri, ao Correio da Manhã. "Eu sempre procuro fazer os meus trabalhos



Como já dizia um espetáculo seu do passado, Eri Johnson pinta e borda em 'Aluga-se um Namorado'

Respeitosamente hilário

com maior respeito, respeitando a mim e ao público. Então, acho que o grande sucesso do 'Aluga-se Um Namorado' é o elenco todo ter a certeza absoluta que a gente está fazendo um trabalho com muito profissionalismo".

Frisson teatral em língua inglesa, "Aluga-se Um Namorado" nasceu nos EUA, 1989, com o mix de ironia e afetuosidade que marca a obra de seu autor, James Sherman. "Beau Jest" (seu título original) estreou no Victory Gardens Theater, em Chicago, em novembro de 1989, sob a direção de Dennis Zacek. Ficou um ano em cartaz, lotando noite após noite, até pular para a Meca, NY. No Brasil, a tradução e adaptação para o português foram feitas daquele jeitinho na batata (ou seja, com precisão suíça... e graciosidade) por Gustavo Klein. A dramaturgia explora – com riso rasgado – as relações familiares, celebrando diferenças culturais e a relevância da convivência em bando... e a dois. Tudo começa quando a professora Sara (Juliana Knust) apela para uma agência de atores a fim de contratar

“Nos dias de hoje, as pessoas acham que têm dificuldade de fazer comédia porque 'não pode isso, não pode aquilo'. Mas, na minha humilde opinião, tudo que for feito com muito respeito, pode”

ERI JOHNSON

um talento que possa interpretar seu namorado. Mas não é qualquer boyzinho, não. A família da moça quer que a cara metade dela seja judeu. E ela ainda convencionou que esse seu par perfeito é um médico... bem-sucedido, é óbvio!... que segue rigorosamente as tradições de Abraão, Moisés e demais mitos do Velho Testamento.

Eis que chega Alex Schneider, papel de Eri.

"Com o passar dos anos, fui conquistando a confiança e o reconhecimento do público. Pra mim, particularmente, no teatro, não mudou nada, pois eu continuo fazendo humor com bom humor", explica o ator, que, entre citações a letras de sucessos do Rei Roberto Carlos ("Esse Cara Sou Eu" é obrigatório) e evocações de seu Vasco amado, desarma o Teatro dos 4 em peso e faz geral rir.

Seu jeito de botar a roda da comicidade para girar preserva os quiproquós da narrativa de James Sherman. A razão de Schneider ser "alugado" é justificada pelo fato de o real namorado de Sara não ser judeu. A partir daí, desenrola-se um

torvelinho de mal-entendidos e armações. A mãe e o pai de Sara (vividos por Betty Erthal e Raymundo de Souza) e seu irmão psicanalista, Joel (João Lima Junior), são enredados numa farsa muito loca, ao mesmo tempo em que o benquerer verdadeiro da moça, Cris (Marcondes Oliveira), fica na berlinda. O problema é que o Cupido, moleque dengoso, começa a rodar o trelelé de mentirinha entre Sara e Alex. O que poderia dar ruim ameaça "dar bom".

Em 1992, Eri se aproximou desse universo de James Sherman, numa montagem no Teatro Princesa Isabel que, de tão bem-sucedida, transformou "Aluga-se Um Namorado" num hit daqueles que toda hora volta. Segundo seu astro rei, o limite entre a crônica de costumes e a comédia romântica nesse espetáculo "é estabelecido pelo respeito".

"Até para improvisar, você precisa ter responsabilidade", defende Eri, que agora pretende viajar com a peça. "São muitos anos fazendo teatro, nunca deixo nada ser mais importante do que o respeito".

SERVICO

ALUGA-SE UM NAMORADO

Teatro dos 4 (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52, 2º piso)
Até 18/4, sexta e sábado (20h) e domingo (19h)
Ingressos: R\$ 140 e R\$ 70 (meia)

Desembrulhando gargalhadas

Um dos coletivos de maior sucesso da internet brasileira, o Embrulha Pra Viagem passa pelo Rio neste fim de semana, levando um espetáculo de humor ao Teatro Fashion Mall

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Burrão, apesar do apelido, teve um tino invejável para negócios ao confiar o comando de seu império à própria mãe, formando uma fortuna de fazer inveja a qualquer investidor da Bolsa. Já o recém-separado Mauro, numa pindaíba de fazer dó, sempre com seu indefectível moletom, pode soar rude às suas paqueras do Tinder, mas, no fundo de seu sincericídio, só quer poupá-las de frustrações futuras. É o que dizer do Valdir? Com sua voz mole, esse batalhador, que passou de pedreiro a eletricitista e hoje é dentista, ostenta - todo pimpão - o seu canudo... de formado.

Essa turma faz parte da fauna de brasilidade que transformou o “Embrulha Pra Viagem” num dos coletivos de humor mais fidelizados pela internet brasileira. A equação dessa trupe paulista é: clicou, riu; riu, gamou; gamou, espalha pros amigos. E não há como segurar o riso diante das peripécias vividas por Willians Mezzacapa, Maurício de Barros e Marcelo Laham - com seus convidados - no canal do YouTube que virou, mexeu tem esquete novo. Há quem chame de episódio... tem que fale em “programa”.

O barato é que os três misturam heranças artísticas da TV e do rádio, sob um pavimento teatral quem vem lá de Aristófanos, o pai da graça nos palcos milenares da



Marcelo Laham (à esquerda), Willians Mezzacapa e Maurício de Barros (sobre um dos joelhos) formam o coletivo Embrulha Pra Viagem

“A gente diverge mais no campo societário do negócio do que no terreno artístico, uma vez que, criativamente, temos os mesmos valores” **WILLIANS MEZZACAPPA**

Grécia. Neste fim de semana, no sábado e no domingo, o trio - que já consagrou uns 20 personagens entre as dezenas de tipos encarnados desde a gênese do Embrulha, em 2016 - bate cabeça para Eurípedes, Sófocles, Nelson Rodrigues

& cia ao subir ao palco do Teatro Fashion Mall para um par de apresentações. Dia 18 é às 20h; no dia 19, às 19h. Nelas, testam os limites da invenção na forma de se fazer comédia.

“Como o carioca está muito

acostumado ao teatro, o sarrafo de se apresentar aí, para vocês, é mais em cima, o que exige fazer um espetáculo quente, o que sempre rola, pela nossa sintonia. Apesar de nós três - o Maurício, o Laham e eu - sermos produtores, diretores

e roteiristas, a gente diverge mais no campo societário do negócio do que no terreno artístico, uma vez que, criativamente, temos os mesmos valores. Ao longo de dez anos, a gente criou um esquema de filmar em locação, de rodar na casa um do outro, de filmar no Habib's. A gente inventou o home-office antes da pandemia fazê-lo”, explica Mezzacapa, que desafia as leis da Medicina no esquete “Dermatologista Moderno”, ao atender uma paciente (Laura Córdula) que se queixa de problemas de pele.

O espetáculo deles, “Embrulha Ao Vivo”, é uma adaptação do universo digital que criaram no YouTube. No palco, Maurício retoma seu adorado Fernando Burrão, com seu indefectível aforismo “não tem essa competência toda não... não terminou a quinta série”. Laham encarna o chapado Eugênio, com seu vocativo convidativo “Oi, tuuuurma!”, abrindo análises filosóficas sobre o fiasco nosso de cada dia. Mezzacapa encampa as noia do entregador Wesley, dono do bordão “Chegou o lanche!”. Essa gente toda ganha vida em performances que perfumam a gargalhada de crítica social.

“Nós três já tínhamos uma estrada no teatro quando a gente resolveu ir para a internet, no Brasil de 2016 - uma época tensa, onde as pautas sociais e as discussões morais começaram a aparecer com mais força, a ter voz. Ali o grito contra o patriarcado passou a ser mais ouvido. A gente parou e pensou: ‘Sobre o que nós - três homens CIS, brancos e héteros - vamos falar?’. O que fazer no humor quando se discute o lugar de fala? A resposta: classe média. A classe média é um cosplay de rico que vive na pobreza. Partimos daí pra criar o Embrulha”, explica Mezzacapa, que tem Philip Silveira na fotografia e na edição dos vídeos do YouTube.

Ele, Philip e Laham estão juntos no recente vídeo do grupo, “Burrão É Uma Fraude”, que tem Lucélia Machiaveli no elenco. No time recorrente do Embrulha entram talentos como Ernando Tiago, Maria Paula Lima, Lilian Blanc e Yunes Chami.

Com cerca de 1,2 milhão de inscritos no YouTube e 990 mil seguidores, o Embrulha Pra Viagem ainda faz um podcast, ouvindo atrizes, atores, diretores e toda a sorte de profissionais da cultura, numa celebração da arte como espaço de resistência.

“Estamos preparando uma nova temporada, pensando já em diversificar os convidados”, diz Mezzacapa. “Essa nova leva vem para o segundo semestre”.

SERVIÇO

EMBRULHA PRA VIAGEM - AO VIVO

Teatro Fashion Mall (Estrada da Gávea, 899 - loja 213 - São Conrado)
18 a 19/4, sábado (20h) e domingo (19h)
Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

CRÍTICA TEATRO | CAMINHO DE CASA

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Há uma delicadeza na forma pela qual Renata Mizrahi arquiteta seu texto, iluminando o doloroso percurso que pessoas em idade avançada são acometidas pela falta de memória. Vale ressaltar que pessoas com 40 anos já apresentam sintomas. Numa carpintaria bem urdida, a dramaturga utiliza a própria recordação para dar conta de seu tema inspirador. Embaralhando presente e passado, em transposições poéticas, a narrativa desenvolve-se em diferentes épocas desvelando um embate entre Marta e sua filha Laura, esfacelando a cronologia dos fatos, o que confere funcionalidade teatral à obra.

No momento presente as personagens encontram-se num consultório médico para uma consulta da genitora, que não reconhece mais a sua prole, a partir daí desenrola-se um resgate repleto de emoções, pelas quais mãe e filha chafurdam-se num turbilhão de acontecimentos vividos outrora. Marta é uma mulher estafada pelo acúmulo de funções, acarretando stress, esgotamento e distanciamento familiar. E é nesse mosaico de perturbações que a autora investe na redenção dos laços afetivos.

A direção de Miwa Yanagizawa não consegue traduzir a singeleza que Mizrahi enuncia, formatando um espetáculo endurecido, pouco teatral, em que passagens de cena são esgarçadas comprometendo o andamento do todo. Há um descompasso entre as atrizes que atra-



Kelzy Ecard e Juliana França vivem encontro delicado entre gerações em texto de Renata Mizrahi

Memória adormecida

vanca também o ritmo da encenação, com pausas alongadas da mais jovem, deteriorando o universo comovente.

Talentosa, Kelzy Ecard abri-

lhanta-se ao teatralizar as dores e conflitos de sua Marta, graduando com expertise seus tons, explodindo e neutralizando na medida certa. A atriz, segura do seu ofício,

emociona com inúmeras mudanças que a personagem lhe propõe, além de instituir doses de humor na tragicidade pungente daquela demência, esmaecendo seu passado.

Enquanto Juliana França atrapalha-se nos tempos distendidos, além de buscar comportamentos de humor deslocado. Na cena do mar, Kelsy caminha mais lentamente por estar dentro d'água, já Juliana parece estar em terra firme. A jovem atriz poderia embarcar na contracena com a experiente colega, para que não tenhamos a sensação de estarmos diante de contextos distintos.

O cenário de Tuca Benvenuti ambienta com eficácia a cena, misturando o consultório médico e sugestionando outros espaços, instalando uma mesa ao centro que opera como um novo pequeno palco. Todavia, o figurino de Teresa Abreu não diz a que veio, sem refletir aquelas personagens. No entanto, a luz de Nina Balbi é funcional, auxiliando a dramaticidade. A trilha sonora de Azullllll é de muito bom gosto, presenteando a audiência com uma seleção variada de belíssimas canções.

Num ideário da própria autora, a montagem de "Caminho de Casa" homenageia a trajetória significativa de Kelzy Ecard ao completar 35 anos de carreira. Esperamos que a atriz esteja sempre à caminho dessa sua casa, que sempre foi o teatro.

SERVIÇO**CAMINHO DE CASA**

Arena do Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160) Até 26/4, quinta a sábado (20h) e domingo (18h) Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia), R\$ 10 (associado Sesc) e gratuito (PCG)

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES

Dalton Valério/Divulgação

**Pensamento de Godard**

"Coração na Boca", nova montagem de Felipe Vidal, em cartaz até o dia 26 no CCB-BRJ, é inspirada no filme "Pierrot Le Fou", de Jean-Luc Godard. A peça reúne atores de 60 anos e explora questões existenciais sobre desejo, liberdade e fuga. "Partimos da obra e do pensamento vivo do Godard, para discutir essa pulsão de vida, percebendo que hoje podemos viver com o coração na boca por muitos e muitos anos, mas também passamos pela reflexão sobre como e quando pode se dar o fim dessa pulsão", diz o diretor.

Jeydsa Félix/Divulgação

**Em estagnação**

O espetáculo "A Mulher Estátua" segue em cartaz no Espaço Cultural Municipal Sérgio Porto, com texto e direção de Thiago Picchi e atuação de Adriana Seiffert. A peça, adaptação do livro "Neste Livro Cabe Uma Baleia" (2015), acompanha uma mulher que decide parar de agir e se torna um monumento vivo na rua, homenageando aqueles que nunca realizaram grandes feitos. O espetáculo reflete profundamente sobre solidão, estagnação e a recusa consciente de agir num mundo que incita movimento constante.

Divulgação

**Visita guiada ao teatro**

O Teatro TotalEnergies - Sala Adolpho Bloch apresenta "Visita Guiada" neste sábado (18), às 13h. Conduzida por um fantasma de antiga repórter da TV Manchete, a experiência teatral percorre o prédio projetado por Oscar Niemeyer, abordando sua história desde o complexo de comunicação até sua transformação como edifício corporativo, sede de grandes empresas. Atividade gratuita, com inscrição prévia via Google Forms (<https://forms.gle/oDkoTuUn8p5VNvco9>). A visita guiada dura 40 minutos.

Sesc RJ apresenta

ADORÁVEL TRAPALHÃO O MUSICAL

Um musical emocionante sobre a vida de Renato Aragão.

Últimos dias para rir e se emocionar com este espetáculo!
Um olhar afetivo da infância no Ceará à consagração na TV e no cinema deste grande astro brasileiro, com canções originais, circo e, claro, muito humor. Encenação de José Possi Neto, texto de Marília Toledo, músicas e letras de Marco França e Fernando Suassuna, direção musical de Diego Salles e coreografia de Alonso Barros. Participação especial: do próprio Renato Aragão!

TEATRO SESC GINÁSTICO

Quintas e sextas - 19h

Sábados e domingos - 17h

INGRESSOS:

RS 60 (inteira)

RS 30 (meia-entrada)

RS 15 (credencial plena
Sesc e conveniados)

Gratuito (público cadastrado no PCC)

L

SÓ ATÉ
19 de abril!

vem
viver
sesc

sesc

A maior marca
de bem-estar
social do RJ.

Saiba mais: sescrj.org.br/seseginastico

ENTREVISTA | **DANNY TREJO**

ATOR E APRESENTADOR

‘É inacreditável como ainda há muita coisa escondida no mundo’

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Cerca de 16 anos depois de sua última passagem por uma prisão, com condenações por tráfico de drogas e pela mutilação de um marinheiro durante uma briga, o hoje octogenário Danny Trejo foi parar num set de filmagem, convocado para ajudar na reabilitação de um integrante da equipe em crise com sua dependência. O longa-metragem em questão: “Expresso Para o Inferno” (“Runaway Train”, 1985), que valeu indicações ao Oscar para Eric Roberts e Jon Voight. O russo Andrei Konchalovsky era o diretor. O cineasta foi convencido a oferecer um papel àquele mau encarado e tatuado californiano, nascido em Los Angeles, de origem mexicana, que, depois de sair do xilindró, virou boxeador e voluntário em ações para ajudar dependentes químicos. Daquele trabalho em diante, Danny nunca mais parou de brilhar diante das câmeras.

Ferrabrás nato, foi o cara mau... o bandidão bicho solto... o ícone zapatista... foi de um tudo, em pontas ou papéis de coadjuvante, chegando a ser protagonista, numa obra que arranha uns 465 trabalhos. Há quem diga que ele fez “só” 250 longas, em 41 anos de profissão, incluindo “Living the Dream” (2006), do brasileiro Allan Fiterman, com Marília Pêra (1943-2015) e Dan Stulbach. O Internet Movie Database (IMDB) lista cerca de 460. É mais fácil a cinefilia se lembrar dele pelo cult “Machete” (2010), de Robert Rodriguez, que ganhou uma sequência pirada (“Machete Mata!”) em 2013. Atualmente, com muitos trabalhos para tirar do forno, Danny bate ponto na TV, num programa que leva seu nome e passa no canal a cabo History.

Todo sábado, às 22h10, tem. Chama “Mistérios Inexplorados com Danny Trejo”. Ele investiga casos inusitados que se passam pelo mundo, entre eles o vazamento de Césio 137 em Goiás, nos

anos 1980. O Brasil entra no bolo numa temporada de forte adesão à América Latina, a terra natal do pai do ator, o operário Dionisio Tejo, que também passou pela cadeia.

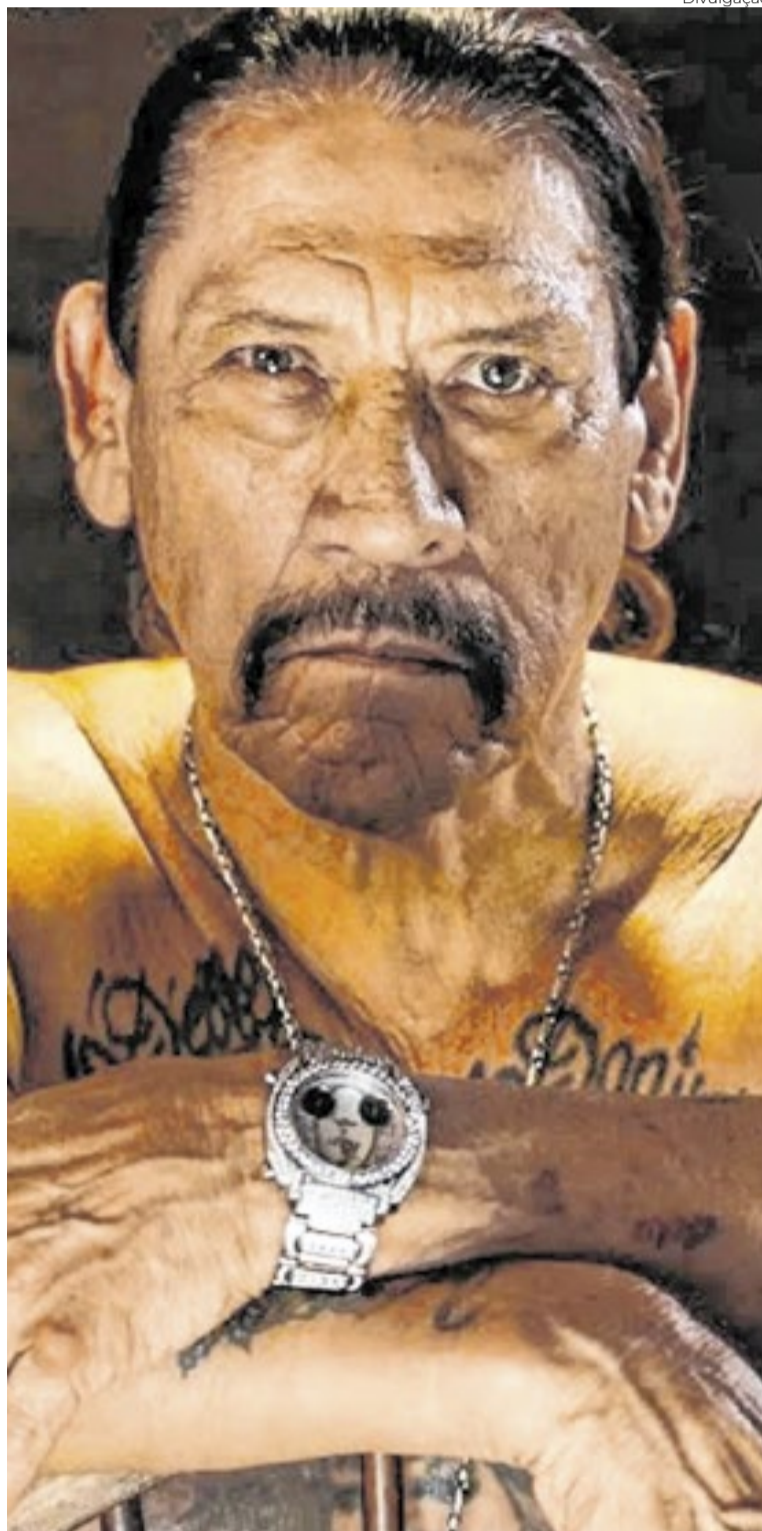
“Não sei se você conhece meu passado, mas passei muito tempo na prisão, e lá você aprende a não demonstrar medo. Pode estar prestes a acontecer uma rebelião, mas você não pode parecer assustado. Acho que foi aí que aprendi a ‘atuar’... ao saber que poderia morrer, mas não podia demonstrar medo”, contou o ator numa entrevista via Zoom com o Correio da Manhã, onde explica a importância da televisão em sua vida.

Como se dá o seu processo de preparação para encarnar o posto de apresentador?

Danny Trejo - Acho que apresentar me permite ser eu mesmo. Os diretores sempre dizem: “Não atue”. Daí eu digo: “Mas eu sou ator!”. E eles: “Não, só seja você”. Acho que atuar é fazer as pessoas acreditarem que você não está atuando. E nesse programa não tem atuação. Estou só contando uma história, sendo eu mesmo. Nem preparo muito. Só leio e... pronto!

Como esse conteúdo histórico sobre fatos inexplicáveis alimenta sua curiosidade sobre o que ocorre de mais inusitado na América Latina? Como o senhor se relaciona com o continente?

Eu amo a América Latina, e sempre tem coisa nova sendo descoberta. Da última vez que estive na Cidade do México, fui a uma igreja que já conhecia e, ao lado, tinham acabado de revelar um enorme templo asteca. É inacreditável como ainda há muita coisa escondida no mundo. E isso é o que eu gosto no programa: é algo que adultos e crianças podem ver juntos e se interessar. História foi a única matéria em que eu tirava nota boa, lá na quarta série, com a professora Finley. Ela falava do Rio Amazonas e eu pensava: “O que eu tenho a ver com isso? Es-



Divulgação

“As pessoas acham que eu sou violento, mas só sou violento se me provocarem. Fora isso, estou brincando com meus cachorros”

tou em East LA!”. Eu até zoava ela: “Ensina sobre o rio de Los Angeles!”. Aí, 50 anos depois, eu me peguei fazendo o filme “Anaconda” (o original, de 1997) logo no Amazonas... e eu era o único

que sabia alguma coisa sobre a região. A J-Lo (Jennifer Lopez), o Ice Cube, todo mundo do elenco ficava perguntando coisas sobre o local, e eu, ali, respondendo. Pensava: “Professora Finley, agora eu

sou o inteligente do rolê”.

Depois do filme “Machete” (2010), o senhor virou uma espécie de herói. Inclusive existem bonecos com a sua figura nesse cultuado longa. Isso mudou a sua forma de ver a carreira? E quanto de Machete – vigilante que defende a comunidade hispânica – existe em você?

Sempre que eu tentava atuar nesse set, (o cineasta) Robert Rodriguez me dizia: “Só faz do seu jeito”. Ele é um diretor brilhante. O mais incrível foi ver, depois da nossa estreia, durante o Halloween, o Dia das Bruxas, várias crianças latinas vestidas de Machete. Não era Superman, não era Batman... era Machete. Aquilo me emocionou. O Robert deu pra gente um herói com quem a gente podia se identificar. A primeira vez em que Robert e eu trabalhamos juntos foi em “A Balada do Pistoleiro” (“Desperado”, 1995), e eu nem tinha fala ali. Antonio Banderas, seu protagonista, ainda não era conhecido nos EUA, então todo mundo vinha pedir autógrafo pra mim. E o Robert disse: “Eles acham que você é o astro do filme”. E eu respondi: “Eu também acho!”. Viramos grandes amigos ali e depois descobrimos que somos primos de segundo grau. Ele já falava de Machete naquela época. Quando fez “Grindhouse” (um projeto de filme duplo de 2007, idealizado com Quentin Tarantino, unindo dois longas, “À Prova de Morte” e “Planeta Terror”, e uma série de trailers falsos) colocou uma chamada para aquele personagem, o Machete. Era um trailer de mentirinha, mas tudo que estava ali virou filme depois. Robert já tinha tudo planejado. É um gênio.

“Machete” é a prova de que o senhor é um astro de cinema, mas qual é o papel da televisão na sua formação - como espectador, artista e profissional? A TV é um lugar de trabalho?

Olha, a televisão mudou muito. Quando eu era jovem, tinha programas para crianças e programas para adultos. Hoje está tudo meio misturado. Tem que se tomar cuidado com o que as crianças assistem, pois a violência está em todo lugar — na TV, no cinema. O que eu gosto no History é que a violência ali é histórica. Não é feita pra chocar. Está ali para a gente poder entender a Humanidade. Isso eu curto. As pessoas acham que eu sou violento, mas só sou violento se me provocarem. Fora isso, estou brincando com meus cachorros.

CRÍTICA LIVRO | GENTINHA

POR OLGA DE MELLO - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Gentinha
de alma
carioca

Mônica Ramalho/Divulgação

Desde que abraçou a literatura paralelamente ao jornalismo, Marcelo Moutinho tem apresentado personagens ficcionais calcados na vida real, pessoas com as quais os leitores nem sempre se identificarão, sem atividades profissionais ou um cotidiano glamouroso, nem pautados pelo identitarismo tão em voga na literatura brasileira contemporânea. Os encantadores contos de “Gentinha” (Record, R\$ 65) trazem como protagonistas essas pessoas pouco notáveis, visíveis apenas pelos serviços que prestam: são pedreiros, empregadas domésticas, atendentes em quiosques à beira-mar ou em bares com karaokê, misturadas à classe média para a qual trabalham.

A ‘gentinha’ do título perde seu sentido pejorativo ou é transportada, como qualificativo, para personagens que se mostram mais merecedores do desprezo do leitor,

quando comparados a quem exerce uma função social de coadjuvante das categorias economicamente favorecidas. Criado nos subúrbios cariocas, Marcelo Moutinho sabe transitar entre os muitos polos da vida do Rio de Janeiro, cidade em que a violência urbana se impôs como parte do cenário e a compaixão pelos não afortunados se perdeu diante da realidade dura da megalópole. O carioca de Moutinho descende diretamente dos personagens estruturados pelos escritores que imortalizaram a crônica, entre eles Nelson Rodrigues, Fernando Sabino e Sérgio Porto. São homens e mulheres que pouco expressam o cansaço ou descontentamento com a vida, e, sem buscar o confronto de uma luta de classes, vivem distantes da melancolia ou revolta quanto ao destino social.

Nos anseios e nas esquisitices que compõem uma sociedade desigual estão a força desses personagens e dos episódios que os definem. Um bebê revoltado pela ausência de



Os cariocas de Moutinho reomantam a Nelson e Fernando Sabino

uma mamadeira surrupiada, só de maldadezinha, por um menino de rua, a empregada “praticamente da família”, pivô de uma situação prestes a mudar toda a realidade dos padrões, a mulher que, por influência da mãe, católica, teme a força espiri-

tual maléfica dos doces distribuídos no dia de Cosme e Damião — mas, não resiste a experimentar um deles —, a fã ardorosa em constante vigilância sobre o astro da música, a quadrilha de ladrões disfarçados de Papai Noel de loja. São essas figuras

com as quais os privilegiados pelo acaso biológico encontram nas ruas, nos bares, nas praias, oferecendo sorrisos condescendentes, que tornam “Gentinha” um adjetivo carinhoso e brejeiro, carioquíssimo, até o fundo da alma.

NA ESTANTE

POR OLGA DE MELLO

AS MENTIRAS QUE
CONTAM PARA VOCÊ

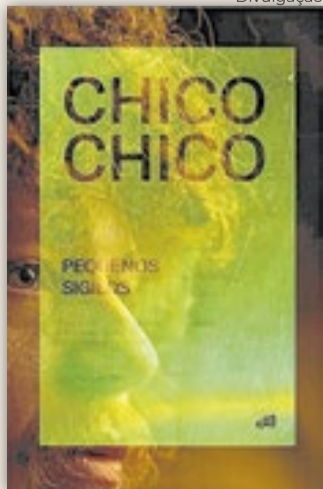
Mentir não é exceção, mas regra, acredita Carlos Eduardo Simões, nesta reflexão sobre manipulação, autoengano e as narrativas que moldam decisões pessoais, políticas e financeiras. Partindo da experiência pessoal de ter renunciado a uma oportunidade, no início de sua carreira profissional, por não acreditar em suas próprias competências, o autor entendeu, mais tarde, que sua limitação era construída. Em uma narrativa sem julgamentos morais, indicada para quem busca desenvolver o senso crítico, Simões discute o efeito ilusório da verdade e defende a mentira como instrumento da sobrevivência social. (Literare Books, R\$ 59,90)



Divulgação

PEQUENOS SIGILOS

Contos, registros poéticos de sonhos, pensatas, devaneios e fragmentos de textos sobre morte, família, afeto, amor e silêncio estão na tocante estreia literária do músico Chico Chico. Filho da cantora Cassia Eller, ele esbanja sonoridade para criar cenários de busca (“Aí, onde tudo é muito, se chove, jorra escorre carrega / e ataca. / Quando seca, encolhe estanca endurece e maltrata”), perdas (“Myanmar, meu amor / Meio mar, toda dor / De um tropeço infantil, se pode sorrir”) e descobertas constantes (“O menino vê outra maneira de viver sempre com as dúvidas, ao passo que os ventos perseguem caminhos e não se esquecem dos desejos”). Um belo começo. (Ação Editorial, R\$ 64,90)



Divulgação

ENTRE LIKES E LIVROS

Já foi tempo em que estar na livraria e ter alguma indicação crítica em jornal ou revista bastava para lançar um livro. Em tempos de redes sociais, a popularidade de títulos despreza os especialistas: os influenciadores do Tik Tok e de outras plataformas oferecem as principais referências que transformam livros em best-sellers. Aqui Gabriel Mattos analisa como todas essas plataformas influenciam o mercado editorial dos dias de hoje por todos os ângulos — numa análise que contempla a visão de leitores, autores e editoras. Semanalmente, cerca de 12 mil vídeos sobre livros são publicados no Tik Tok, onde o tema gerou mais de 6 bilhões de visualizações em 2025. (MapaLab, R\$ 65)



Divulgação

GASTRONOMIA | NATASHA SOBRINHO

(@RESTAURANTS_TO_LOVE) ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ



Divulgação

A chef Jéssica Trindade e Claude Troisgros ganharam 1 estrela para o Madame Olympe



Divulgação

Os vencedores do Michelin 2026



Divulgação

Ewai e Tuju: as primeiras 3 estrelas de restaurantes brasileiros

Uma noite **estrelada**

O Rio de Janeiro foi palco de um momento histórico para a gastronomia latino-americana com a revelação da nova seleção do Guia Michelin 2026, realizada no icônico Copacabana Palace. Pela primeira vez, restaurantes da América Latina alcançaram a classificação máxima de três estrelas, um feito inédito conquistado pelos paulistanos Ewai, comandado pelo chef Luiz Filipe Souza, e Tuju, de Ivan Ralston.

O marco coloca o Brasil em um novo patamar no cenário global da alta gastronomia e projeta o país entre os destinos mais relevantes do mundo para experiências culinárias de excelência.

Mesmo com as três estrelas concentradas em São Paulo, o Rio de Janeiro teve papel central nesse momento histórico. Além de sediar a cerimônia, a cidade reafirma sua força como destino gastronômico em ascensão. O principal destaque local foi o Madame Olympe, que conquistou sua primeira estrela Michelin. À frente da cozinha estão os chefs Jéssica Trindade e Claude Troisgros, que apresentam uma proposta autoral que combina técnica francesa, ingredientes brasileiros e influências contemporâneas.

O Rio também se destacou em outras categorias relevantes. O prêmio de serviço foi concedido ao Casa 201, reconhecendo a excelência da hospitalidade carioca, enquanto o título de jovem chef ficou com Pedro Coronha, à frente do Korál, evidenciando a nova geração que vem renovando a cena gastronômica da cidade.

Se São Paulo entrou para a história com os primeiros restaurantes três estrelas da América Latina, o Rio reforça seu papel como vitrine e protagonista desse movimento. A escolha da cidade como sede da cerimônia, em parceria com a prefeitura, reforça o posicionamento do destino como polo gastronômico relevante no cenário internacional.

A gastronomia, cada vez mais, se consolida como vetor estratégico de turismo e construção de imagem. E o Rio, ao unir tradição, diversidade e novos talentos, avança nessa direção com consistência.

Com evento histórico no Copacabana Palace, Rio celebra nova estrela e vê o Brasil conquistar suas primeiras três estrelas Michelin



Divulgação

Pedro Coronha, do Korál, ganhou o prêmio de Young Chef

CONFIRA OS DESTAQUES DA SELEÇÃO MICHELIN RIO DE JANEIRO & SÃO PAULO 2026

3 ESTRELAS

- * Ewai (São Paulo)
- * Tuju (São Paulo)

2 ESTRELAS

- * D.O.M. (São Paulo)
- * Lasai (Rio de Janeiro)
- * Oro (Rio de Janeiro)

1 ESTRELA

- * Madame Olympe (Rio de Janeiro)
- * Casa 201 (Rio de Janeiro)
- * Demais restaurantes da seleção (total de 19 no Brasil)
- * Prêmios especiais
- * Jovem Chef: Pedro Coronha (Korál, Rio de Janeiro)
- * Serviço: Raphael Zanon (Casa 201, Rio de Janeiro)
- * Bib Gourmand (novidades)
- * Korál (Rio de Janeiro)
- * Jiquitaia (São Paulo)
- * Manioca JK (São Paulo)
- * Ping Yang Thai (São Paulo)
- * Tabô Cozinha Artesanal (São Paulo)
- * Tanit (São Paulo)

* Mais informações e lista completa:

<https://guide.michelin.com>